

Pela Universidade de Braga

Muitas vezes, e por diferentes modos, tem a cidade de Braga manifestado o desejo de ser a sede de alguns estudos superiores. Não só os Bracarenses, aliás, mas também outros espíritos esclarecidos, têm propagado a ideia de se instituir nesta cidade a Universidade Católica.

Sobretudo por ocasião e ensejo de grandes movimentos culturais, como os Congressos Centenários de S. Martinho e Francisco Sanches, e a elevação do Instituto B. Miguel de Carvalho a Faculdade Pontifícia, esta aspiração de Braga tem sido amplamente discutida pelos entendidos. Chegou, mesmo, a ser versada e defendida na Assembleia Nacional pelas vozes autorizadas dos srs. Dr. Mendes Correia e Dr. Urgel Horta.

A Câmara Municipal já tomou, há muito, posição sobre o assunto, e, como não podia deixar de ser, aspirando à instituição da Universidade de Braga.

Em 1953, intensificando-se algum tanto a apologia dos estudos superiores bracarenses, dedicou o «Diário do Norte» atenção especial ao problema, consagrando-lhe algumas entrevistas, que o «Correio do Minho» reproduziu: outros órgãos da imprensa publicaram delas extractos ou lhes fizeram referências.

Porque esses escritos marcaram uma etapa neste movimento cultural, *Bracara Augusta* quer arquivá-los nas suas páginas, a fim de um dia se poder documentar convenientemente a história desta aspiração da cidade.

Como documentação, suprimimos as apresentações e introduções da imprensa, transcrevendo apenas a parte que exprime a doutrina dos entrevistados.

ENTREVISTA

com o Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva

Reitor Magnífico da Faculdade da Filosofia

— Que pode V. Ex.^a dizer-nos, sr. Reitor, sobre a já tão falada Universidade Católica de Braga?

O sr. Doutor Craveiro da Silva é a gentileza personificada. Responde:

— Como realidade institucional, parece-me algum tanto distante... Compreende, há muitas dificuldades a vencer...

— Dificuldades de que natureza?

— Roma, por exemplo, e Lisboa.

— A Santa Sé — objectamos — parece que só deve ter interesse e desejo de ver ampliar a cultura e os conhecimentos do Clero, Lisboa...

— Sabe que muitos dos nossos sacerdotes, para se graduarem, necessitam de recorrer ao estrangeiro. A Gregoriana de Roma, de tão grande projecção católica e de tão grande prestígio, poderia sentir-se prejudicada...

— Quanto à unidade da cultura?

— Não, não. Quanto à frequência, por exemplo. Devo dizer-lhe com toda a sinceridade e convicção que não é o caso de modo nenhum. Refiro-me, como é óbvio, a um simples obstáculo dentre os muitos que poderiam surgir.

— E em Lisboa?

— No que se concerne ao Estado, parece-me que as dificuldades seriam mínimas. Não haveria o perigo de competição nem de concorrência com as Universidades clássicas e técnicas. Não devem — creio que não podem — levantar-se obstáculos quanto a encargos materiais e orçamentais. Isso está resolvido, segundo penso. Haveria a objecção de não se achar conveniente a existência de mais Universidades? Fica sempre de pé o facto de sermos um Povo com maioria católica, um Povo de grande densidade paroquial — principalmente no Norte —, um Povo missionário, com grandes exigências de licenciados para o professorado efectivo dos Seminários e sem uma Escola católica de estudos superiores...

— Temos esta prestigiosa Faculdade Pontifícia de Filosofia...

— É verdade. Contudo, é um Instituto exclusivo da Companhia. Há excepções, temos cá um brasileiro, é verdade, mas as excepções são raras e a autorização é sempre concedida a título pessoal. Não obstante, em estudos filosófico-sociais, dado o carácter das nossas Faculdades de Letras, não temos nada superior, nem igual.

— Nesse caso, pensa V. Ex.^a, Sr. Reitor, que é indispensável ao País pelo menos uma Universidade Católica?

— Sem dúvida nenhuma. Há-as — para só falar nos países neo-latinos — em Itália, em França, em Espanha e na Bélgica. E repare que esta última pode comparar-se em extensão ao nosso Alentejo... Ora nós temos, só na Arquidiocese de Braga, cerca de 800 paróquias. Esta densidade é superior à da Bélgica. E no País temos mais de 3.000.

— Nesse caso, parece que só devíamos encontrar facilidades e incitamentos, quer em Roma quer em Lisboa...

— Expliquemo-nos claramente. Lisboa é a capital. E tem as suas pretensões a este respeito. Aliás, eu concordo inteiramente com elas. São justas e são merecidas.

— Uma Universidade Católica em Lisboa?

— Um Estudo Católico. O nome é outro, mas a finalidade é a mesma.

— Não obstante, parece-nos que o Estudo Católico em Lisboa não prejudicaria as aspirações de Braga, onde já existe esta Faculdade de Filosofia com todos os seus reflexos de estudo e cultura, nem porventura, a também falada Universidade de Évora...

— É o que eu penso. Todos se justificam. Lisboa merece o seu Estudo Católico, porque é a capital duma grande nação missionária. Évora tem as suas tradições e deve sentir-se com pleno direito a ser reintegrada no seu papel de metrópole arqui-episcopal — que já é — e universitária no Alentejo de todo o Sul de Portugal.

— Mas Braga, «a Roma Portuguesa»...

— Braga sempre teve uma tradição universitária. O Colégio de S. Paulo, que era da Companhia, os Congregados, do Oratório, onde está hoje a Escola do Magistério Primário, e os Agostinhos do Pópulo, todos concediam graus universitários. Eram, portanto, estudos superiores, indiscutivelmente universitários, pelo menos em Filosofia e Teologia.

— Aproximadamente o que se pretende conseguir agora...

— Sim, pelo menos para já.

Sempre com a maior gentileza, o ilustre autor dos «Problemas eminentes da idade do social» ouve e responde com a maior prontidão, mesmo quando abruptamente mudamos de assunto.

— E o Estado? — insistimos.

— O Estado não teria interesse em pôr obstáculos porque os estudos universitários das suas Universidades e os estudos universitários católicos não colidem, as nossas seriam Faculdades independentes.

— Frequência: só para o clero?

— Para o clero principalmente; mas também para outros. A Filosofia e a Teologia são estudos eminentemente religiosos, mas são também problemas de cultura a ter em conta num país que, estatisticamente, se apresenta com uma percentagem de católicos esmagadora...

— Portugal é sem dúvida um Povo católico — observamos, o que se verifica é uma proporção enorme de rotineiros, pessoas que não vivem um catolicismo esclarecido e se contentam com um catolicismo a que poderemos chamar tradicional... Mais uma razão a justificar a Universidade ou as Universidades e o Estudo. Não é assim?

— De acordo. O problema é tão candente que já hoje o Estado reconhece os nossos graus como curso superior para todos os efeitos civis, concursos, equivalências, etc. O que se verifica é que nós somos uma Faculdade da Companhia de Jesus e não aparecemos na vida civil como aparecem os outros licenciados. A não ser, claro, nos casos em que os nossos licenciados queiram frequentar Letras ou Direito nas outras Universidades. Podem fazê-lo livremente.

— E os professores dos Seminários?

— Aí está outro aspecto importantíssimo. Os professores efectivos dos Seminários têm que ser licenciados. A Universidade criaria esses professores entre os



membros do nosso Clero, tanto para a Metrópole como para o Ultramar. Assim... têm os nossos sacerdotes que ir formar-se ao estrangeiro, a Salamanca — cheia de portugueses —, a Roma, à Bélgica, à França e isto é sempre desnacionalizante, em maior ou menor grau.

— Falou V. Ex.^a, sr. Reitor, no Ultramar. Que influência teria a projectada Universidade na nossa acção missionária ultramarina?

— Os missionários seriam mais cultos, mais esclarecidos e, por isso, o seu rendimento seria muito maior.

— Em extensão?

— Não creio. Mas em profundidade sem sombra de dúvida. Um misionário bem formado vale por dois ou mais. Sabendo sociologia, etnologia e outras disciplinas ministradas já hoje nesta Faculdade Pontifícia, ficam muito melhor apetrechados para o desempenho da sua actividade missionária. O mesmo poderá dizer-se do sacerdote metropolitano.

— Um sacerdote mais culto é estímulo para melhor cultura religiosa do Povo, não é isso, sr. Reitor?

— A Universidade tem, para lá desse aspecto interessante e de indispensável solução, um outro que poderemos considerar humano.

— ?!

— Há muitos rapazes que deixam os Seminários, por falta de vocação ou por outros mil motivos. Para cursarem estudos universitários, lá fora, têm que fazer exames nos liceus de aptidão às Universidades e de sujeitar-se a tantas outras exigências que a muitos a vida se torna difícil. Já não sucederia o mesmo se tivessem um grau universitário ou possibilidades imediatas e directas de o obter. Depois, pelas equivalências tudo estaria simplificado. Quanto aos nossos cursos, há até um despacho favorável do Governo.

— Então, que acha V. Ex.^a que deve fazer-se para se conseguir o que a Cidade e a Arquidiocese tanto desejam?

— Expôr as condições que militam a favor da nossa pretensão, pelo menos quanto às duas Faculdades de Filosofia e Teologia.

— São elas?...

— Professores, biblioteca, revista, instalações... Ora, em Filosofia, temos professores mais que suficientes. Há a revista, que é considerada uma das melhores da Península. Temos uma biblioteca à altura duma Universidade, quer em revistas especializadas, quer em bibliografia moderna. Da antiga, temos bastante, mas só podemos adquirir o que se encontra...

Subimos à biblioteca. É um belo salão. Ficheiros bem organizados. Boa selecção e sistematização. Enciclopédias de vários países. A italiana, que passa por ser a melhor. A judaica.

— Adquirimo-la na América, em segunda mão — esclarece o Doutor Lúcio Craveiro da Silva — mas está muito boa. Só temo algum incêndio... O que vale é que o salão tem abundância de janelas em toda a volta!

— E em Teologia?

— Também há professores e os livros especializados suficientes. E julgo que se pensa a sério na publicação duma revista. Pelo que diz respeito a instalação, ela não pode ser melhor: O Seminário que é um edifício perfeito e bellissimo. Nós aqui

na Faculdade de Filosofia, temos adquirido edifícios no sentido Sul. E temos feito obras. Não mandamos fazer mais porque...

O jornalista viu algumas das aulas. São excelentes. Não há melhor nas outras Universidades.

— Sob o aspecto económico?

— Pelo que respeita a professores, o problema está resolvido.

Há o outro aspecto, o das despesas dos universitários. A Universidade de Braga não prejudicará a de Évora, se algum dia se pensar nisso a fundo. Nem o Estudo Católico de Lisboa. A nossa frequência será de nortenhos e principalmente de nortenhos que não podem ir ao estrangeiro nem, pela mesma dificuldade económica, a Lisboa...

ENTREVISTAS

com o Senhor António Maria Santos da Cunha

Presidente da Câmara Municipal de Braga

I

— Diga-nos, sr. Presidente, a opinião oficial da Câmara sobre a Universidade Católica e sobre o ambiente universitário nesta cidade...

— Não é de hoje, como ambição tardia, que esta terra manifesta aspirações deste género. Braga é um notável centro cultural desde tempos imemoriais. Deve-se à situação primacial do nosso antiquíssimo burgo em relação à Igreja do Noroeste peninsular. E também ao papel que aos nossos Prelados coube desempenhar na fundação e independência da Pátria.

Com veemência:

Já tenho dito, noutras oportunidades, que a cidade de Braga, a Arquidiocese de Braga, a região de Entre-Douro-e-Minho quer, pode, e deve ter o seu centro universitário católico. As condições necessárias, únicas e magníficas, oferece-as a Cidade dos Arcebispos e só Ela.

— Haverá outras cidades com pretensões?

— É possível. Talvez mesmo com direitos. Mas ficam já tão distantes que em nada podem prejudicar-nos. Lisboa? Évora? E não é triste para nós, católicos, deixar os leigos ou os estrangeiros o encargo de preencher as lacunas duma cultura religiosa que nos é indispensável?

António Santos da Cunha entusiasma-se, ganha calor, fala com rapidez e convicção. E sublinha com um gesto firme:

— Penso que procedendo assim, abandonamos o campo ao inimigo, salvo seja, e não somos dignos daquilo que devemos às nossas gerações. Não. Temos de fazer o que nos compete fazer!

— Braga tem já uma faculdade. Parece que não tem razões de queixa...

— É, no entanto, para uso doméstico da Companhia de Jesus; são estudos em família, embora com o desdobramento mental que se verifica através das publicações em livro e da revista. Nós, porém, queremos muito mais. Basta citar um exemplo: o Colégio de S. Paulo, também dos Jesuítas, estava aberto à ânsia de saber de todos. Até senhoras ali frequentavam lições, aquelas que mais lhes interessavam. E disso não há dúvidas.

Com veemência:

— Uma Universidade é uma comunidade, moral e cultural, é certo, mas não é nem pode ser uma comunidade fechada, restritiva e exclusivista. Além disso, para o nível a que Braga ascendeu, hoje em dia, pelos seus próprios méritos, uma Faculdade não basta. Uma Faculdade não é uma Universidade.

— Porque não abre a Faculdade de Filosofia as suas portas a quem pretende frequentá-la, principalmente eclesiásticos?

— Tomara ela! Tomaram eles, os Padres, a quem a Cidade e o País tanto devem já! É defeito de origem. A Faculdade está amarrada ao condicionalismo que a criou.

— Mas estas coisas podem reverter-se e adaptar-se em qualquer altura às exigências dos novos tempos...

— A verdade é que as coisas se vão mantendo. Há muito de provisório que teima e quer ser definitivo...

— Nesse caso?...

— Ora! É preciso vencer todas as barreiras, que são exteriores à Faculdade e à própria Companhia de Jesus. Há que despedaçar as algemas nesta primacial Diocese, nesta cidade, em Lisboa, em Roma... Não trabalhamos para nós: trabalhamos para o Futuro, para Portugal, para a Igreja, para Cristo.

Mudamos de assunto, pois que nos cumpria estudar outros aspectos:

— Braga tem belos e bons Seminários. Professores excelentes. Um nível de ensino pelo menos igual ao dos outros Seminários nacionais e estrangeiros.

— *Pelo menos*, está bem. Eu creio que é superior em muitos campos e em muitos aspectos. Todavia, por melhor e mais completo que seja o ensino dos Seminários, um Seminário não é uma Universidade... Estou convencido de que o ensino dos nossos Seminários se pode pôr em paralelo com o de tantas Faculdades universitárias.

— Em Filosofia?

— E em Teologia. Pode citar-se o caso de termos tido e termos hoje professores de craveira universitária. Os compêndios adoptados em Braga e elaborados pelos Mestres dos nossos Seminários impõem-se de tal maneira que chegam a ser preferidos por outros.

— Exemplos?

— Ouviu falar do Dr. Insueles, que já morreu? Refiro-lhe o seu compêndio de «Patrística». E do Dr. Gigante, refiro-lhe o «Direito Canónico». Há outros. E não lhe digo novidade nenhuma. Isto anda no conhecimento de quantos se interessam por estas coisas que parecem insignificantes e são fundamentais. Mas tenho que repetir: os Seminários por melhores que sejam, e os nossos são muito bons, não passam de Seminários, e nunca chegam a Universidades. De mais a mais, os Seminários destinam-se a preparar o clero necessário à Arquidiocese ou a Missões Ultramarinas. E a Universidade cumprir-lhe-á preparar, fundamentar, desenvolver e defender a nossa

mentalidade católica. A nossa, de padres e simples crentes, porque todos nós formamos o Portugal Católico.

— Poderemos falar um pouco mais na frequência da futura Universidade Católica?

— Porque não? Ela tem de estruturar-se dentro das tradições da Cidade. É que nós temos um passado e ele ensina sempre alguma coisa para o futuro.

— Quais são essas tradições, não se importa de concretizar, sr. Presidente?

— Já falamos no Colégio de S. Paulo, onde, ao menos irregularmente, mas sem dúvida com proveito, até as senhoras eram admitidas à frequência de certas aulas. O convento do Pópulo, dos Agostinhos, com a sua imponente igreja ao lado, é outro centro de ensino superior, infelizmente ainda hoje desviado da sua legítima função. Convergiam para ali a população ávida de saber e as aulas eram-lhe abertas. E a casa dos Congregados? Não estamos a fazer história. Ela está feita. Estamos a recordar, a reviver. Às vezes é assim que se esboçam e balizam os contornos duma obra que apenas se interrompeu e tem de continuar...

Nesse ambiente de outros tempos um Arcebispo de Braga pediu a El-Rei e obteve que os estudantes de Braga pudessem trajar regularmente de capa e batina. A visão dos Arcebispos de Braga era tal que um deles chegou a criar nesta cidade o estudo da Farmácia, quando em Portugal nada existia nessa matéria. Sem desprimor para ninguém, gosto de lembrar ao vosso jornal o nome de dois grandes Arcebispos, tio e sobrinho, de apelido Bragança, D. Gaspar e D. José. Deve-lhes muito esta cidade, e deveram-lhes muito os estudantes! Até o uso regular da capa e batina.

— Que Faculdades pensa a Câmara que devem integrar a Universidade Católica?

— A de Teologia é primordial. A de Teologia Católica, entendamo-nos, porque há outras teologias. Essa é que verdadeiramente caracteriza esta cidade, metrópole católica de primeira grandeza, orientadora e com personalidade bem vincada em todo o Orbe Católico. Depois, a de Filosofia — já existente — mas aberta ao Clero e leigos. Também está na tradição. Lembremos agora Francisco Sanchez, baptizado em S. João do Souto. Além destas duas, — embora isso não seja da minha competência —, penso que Direito Canónico e tudo quanto possa engrandecer e aperfeiçoar o ensino duma Universidade digna do nosso tempo, da nossa cidade, e do nosso passado. O que penso e isto defendo calorosamente é que todos os estudos bracarenses, mormente os superiores, devem ter uma linha de rumo católica.

— Porto, Coimbra e Lisboa, Universidades Clássicas e Técnicas, não poderiam achar-se lesadas com um alargamento desenvolvido de estudos e ramos de saber científicos?

— Todos os estudos são científicos, se são estudos. Portanto, os estudos superiores com mais forte razão. Pelo que diz respeito ao outro aspecto, creio que os estudos católicos não fazem concorrência a quaisquer outros, embora para nós, Bracarenses, sejam tão importantes e tão indispensáveis como eles. De mais a mais, a orientação católica é de tal sorte que não acarreta limites nem dificuldades, nem algemas ao cultivo de nenhum ramo de saber ou das ciências.

— Gostaríamos de falar ainda nalguns aspectos desta Universidade, quanto à sua economia, à instalações, etc...

— Tenho muito gosto em responder a tudo. Gosto e empenho. Mas... Tem que ficar para outra vez...

II

— Já falamos — e com que entusiasmo, sr. Presidente! — em vários aspectos da Universidade Católica. Pode dizer-nos hoje algo sobre alguns problemas que lhe são acessórios?

— Inteiramente às ordens. Responderei prontamente a tudo quanto eu souber e puder. Que é que deseja saber?

— Instalações, por exemplo.....

— Ora aí está um problema que não é novo. Braga foi e é uma cidade católica onde abundaram sempre os edifícios de arquitectura religiosa. Os nossos Seminários estão todos bem instalados. E ainda sobram edifícios de construção eclesiástica para utilidade do Estado. Cito-lhe só dois casos: a casa dos Congregados tem lá hoje a Escola do Magistério Primário. E o convento dos Agostinhos do Pópulo aquartela ainda o Regimento de Infantaria 8.

— É um belo edifício, com uma frontaria imponente... atalhamos

— Bem digno duma Universidade Católica!

— Pois sim, mas está lá a tropa...

— Julgo que é dificuldade removível, com jeito e boa vontade.

— Há, na verdade, um quartel novo, em construção, fora de portas, julgamos. É isso?

— Nem mais nem menos. O «8» ficará instalado qualquer dia em dependências adequadas às suas exigências militares, técnicas e táticas. O Estado poderá então consentir que regresses à sua função inicial sólida construção, onde já se ministrou ensino superior.

— Em todo o caso, os Seminários tiveram precisão de construir de novo.

— E construíram bem. O Seminário de Filosofia, ou de Santiago, encontra-se em prédio antigo. Mas o Seminário Conciliar ocupa, na Rua de Santa Margarida, aquele majestoso edifício construído com todos os requisitos da pedagogia e da higiene. É ali o Seminário de Teologia e, criada a respectiva Faculdade, estou em crer que ela poderia instalar-se lá, sem grandes dificuldades e sem prejuízo doutros graus de ensino ou outras categorias de estudos.

— Provavelmente existem lá já professores?

— Alguns, pelo menos assim o creio. Professores, experiência, métodos de trabalho, etc. É que eu julgo que a Universidade pode ser constituída por várias Faculdades independentes entre si e só *unas* quanto à finalidade... Assim uma espécie de Colégios medievais. Creio que era assim que se dizia.

— A Faculdade Pontifícia de Filosofia, embora ansiosa por alargar a sua acção e abrir mais as suas portas de aula, tem já uma estrutura dessas, segundo podemos verificar junto do seu magnífico Reitor...

— Em todo o caso, se algo há de comum, se algo confere unidade ao estabelecimento universitário que Braga espera conseguir, creio que haverá conveniência em arranjar-lhes uma espécie de *Gerais*, como em Coimbra.

— Seria essa a função do Pópulo?

— Nem mais nem menos.

— E quanto à economia?

— A cidade e esta Câmara estão prontas a fazer tudo o que lhes for possível para ajudar.

— Não é isso. Quanto à economia em relação a Sacerdotes que têm de ir estudar lá fora, quer por vocação própria quer para suprirem as necessidades dos Seminários.

— Essa é uma das faces mais graves disto tudo. Fica mais caro e é mais fácil o estudo. E lá fora — só por ser lá fora não se faz melhor, talvez nem tão bom como nós podemos e somos capazes de fazer.

Se não estamos enganados, parece-nos que os argumentos a invocar são ainda hoje muito semelhantes aos que foram apresentados ao Papa, no tempo de D. Dinis, para a criação do Estudo Geral...

— Quanto ao estudo no estrangeiro, não é?

— Sim. E quanto aos perigos que hoje não são de viagens mas podem ser doutra ordem. E também quanto as despesas com a Universidade. Este inquérito parece que provou já que nem o Estado tem nada a perder financeiramente, nem a gastar, nem a Igreja será desfalcada nos seus recursos.

— Pois é. Nós temos o bastante de tudo para ir para diante... Braga, sendo uma cidade moderna, como o afirmam todos os dias as mais proeminentes individualidades estrangeiras que nos visitam, tem ainda características de burgo recatado onde o bucolismo e poesia concedem direitos a uma velha esperança: a cidade universitária. O desejo não é de agora e já lhe falei nele, pelo menos com os Arcebispos Braganças, mas hoje em dia aquilo que somos catolicamente, valoriza muito aquilo que desejamos!

Quanto a instalações parece, portanto, que as dificuldades são mínimas...

— Faculdade Pontifícia de Filosofia, já o disse quem de direito, pode satisfazer todas as necessidades próprias, mesmo que a frequência seja alargada ao Clero em geral e aos católicos.

— É questão de algumas obras...

— Quanto à Teologia, o edifício do Seminário tem pano para mangas... e o resto arranja-se. É questão de tempo e paciência, paciência sobretudo no persistir...

— E o resto?

— Só vejo vantagens: para a cidade, para o País, para a Igreja. Até mesmo economicamente. A cidade ganhará mais vida. E o dispêndio será menor do que é hoje lá fora. Esse dinheiro pode muito bem alimentar melhor a vida geral da gente desta terra.

— O sr. Presidente está, então, convencido de que se vai para diante com esta iniciativa?

— Por mim, só há facilidades. Facilidades e todo o concurso que de mim depender como bracarense e como presidente da Câmara. Se houver obstáculos não é em Braga, no povo, no clero, nas autoridades eclesiásticas e civis que elas podem encontrar-se. Lá nisto, creio que pensamos todos na mesma. E para bem da cidade e mais uma vez seria a cidade a prestar um grande serviço ao País e à Igreja.

— Há pois, que ter fé?

— Ter fé e andar para a frente!

ENTREVISTAS

com o Sr. Dr. Sergio Augusto da Silva Pinto

Vereador do Pelouro de Cultura

I

Ambiente cultural propício

— Tem Braga um ambiente cultural? perguntámos ao nosso entrevistado de hoje.

— Não é novidade para ninguém que Braga tem, na história viva e não arqueológica da Nação, um lugar primacial na esfera espiritual católica. A sua *primacia* vem já do Baixo Império Romano ou, se quisermos do Reino Suévico-bracarense. Nesse tempo, sem contestação, Braga era já a Primaz Católica das Espanhas. Ainda Toledo não existia como metrópole eclesiástica e já Braga era Primaz da Galécia. Por isso, foi em Braga que se constituiu o primeiro Reino Católico da História, ao tempo de Requiário. Daqui irradiou a evangelização posterior de S. Martinho de Dume.

— Braga, é, em muitos sentidos, uma terra privilegiada, — observámos.

— Braga possui o singular privilégio de ter sido no seu seio que se fundou a mais antiga ou a primeira Biblioteca da Península, após as invasões e devastações dos Bárbaros (princípios do século V). Refiro-me à Biblioteca do Mosteiro de Dume, criada pelo grande S. Martinho de Braga. Servia ela um dos Seminários que pertence ao número limitadíssimo dos que a história das instituições docentes eclesiásticas apelida de os primeiros do Mundo Católico.

— E depois? A supremacia não se perdeu com a fundação da Nacionalidade...

— Com a fundação do Estado Português, não é ousado afirmar que a Escola Catedral de Braga, antes da própria fundação da Universidade de Coimbra, cria os primeiros estudos teológicos existentes no País. Mais tarde, sabido é, o Colégio de S. Paulo, desde D. Diogo de Sousa, graças ao Cardeal D. Henrique e Frei Bartolomeu dos Mártires, torna-se um Estudo Geral de grande fama europeia, mencionado por Lenoy, dando à Urbe Augusta um sabor universitário ou, pelo menos, para-universitário. Nesse Colégio regeram Clenardo e Vaseu; nele já quando dirigido pelos Jesuítas, foi aluno o célebre médico e filósofo português Francisco Sanches.

— Raízes históricas, não é verdade? São um antecedente e uma história a aproveitar...

— Se a tradição académica bracarense não tivesse sido interrompida, de certeza, Braga enfileiraria ao lado de Salamanca, Santiago de Compostela, etc. como meios universitários de grande nomeada. Ora a tradição não é a contemplação saudosista do passado; é o desenvolvimento das suas virtualidades; logo...

— Logo as necessidades de criar este instituto, não é assim?

— Hoje, todos o sentem. Braga tem uma vida pujante no campo dos valores espirituais e intelectuais. Já possui uma Faculdade Pontifícia de Filosofia; tem organizado congressos científicos de projecção internacional, como o de S. Martinho de Dume e o de Francisco Sanches.

O Dr. Sérgio Pinto, comovido, recorda:

— Neste, houve a participação de todas as Universidades Nacionais e de

muitas estrangeiras, tendo os seus representantes, com suas garnachas e togas doutorais imprimido deslumbrante cor ao espectáculo inolvidável do primeiro doutoramento realizado em Braga, significativamente, no Colégio de S. Paulo. Quase pareceu, ou foi, o reconhecimento internacional do carácter universitário da urbe Bracarense.

— E hoje em dia?

— As manifestações bracarenses actuais no campo da cultura, são multiformes e sempre revelando vida superior do espírito. Citem-se as suas revistas de cultura: *Revista Portuguesa de Filosofia*, da Faculdade Pontifícia de Filosofia; *Scientia Iuridica*, de iniciativa luso-brasileira, e órgão da Associação Jurídica de Braga; *Bracara Augusta* que é, sem dúvida de alta categoria científica pela colaboração, e que permuta com as universidades e instituições culturais da Europa e da América.

— Os Seminários de Braga são também foco de cultura...

— Os Seminários de Braga, não será exagero dizê-lo, são dos mais justamente reputados de Portugal e onde o ensino se alteia a um nível de estudos superiores. Isto se deve, em particular, à classe dos seus professores que são de grande craveira intelectual.

— Mas em Braga há mais...

— Não esqueça, na verdade, o valor, do ponto de vista docente e cultural, das diversas instituições de Ordens Religiosas existentes na área de Braga, as quais, além do mais, possuem, também, revistas e boletins de grande projecção científica.

— Nem só essas. E a Câmara?

— A Câmara por seu turno, como de todos é sabido, tem procurado animar o desenvolvimento espiritual e cultural da cidade, ora como iniciativas próprias, — como os congressos, — ora congregando actividades das instituições e das individualidades interessadas. Neste particular, é de salientar a constante presença da Faculdade Pontifícia de Filosofia em todos os empreendimentos culturais da edilidade.

— Em 1953, por exemplo?

— A Braga de 1953 não quer ser, nem é, uma cidade apoucada pelo particularismo e pela intriga; mas sim, uma urbe renovada pela Política do Espírito que a Câmara a par das suas realizações materiais e sociais, vem executando.

Conveniência da Universidade Católica em Braga

— Isso, quanto ao ambiente propício, mas... porquê em Braga a Universidade?

— Toda a gente sente que uma Nação, eminentemente católica, como a portuguesa, deve possuir Estudos Superiores Católicos. As razões são óbvias. Está em jogo a própria essência espiritual, tradicional, da Nacionalidade. Se no campo da espiritualidade e da cultura, que as Universidades dominam, se despersonaliza a alma da Nação, a Pátria estará mais em perigo do que se visse as suas fronteiras violadas.

O Dr. Sérgio Pinto fala com profundo conhecimento. Prossegue:

— As Universidades existentes são grandes escolas de saber e sempre foram alfobres de patriotismo, mas, pela índole e limitação dos seus estatutos, não podem consagrar-se *ex-professo* ao magistério da verdade teológica e filosófica que constitui o *desideratum* supremo da Escolástica Perene sempre disciplinada, mas viva e aberta, que consubstancia o ensino de uma autêntica Universidade Católica.

que afirmam a conveniência da sua criação no Norte do País. «Aqui é que se impõe a presença duma instituição de estudos superiores». Por outro lado não seria justo

— Isso, tanto no Sul, no Centro, ou no Norte do País, — atirámos.

— Uma Universidade Católica ao Norte, impõe-se para satisfazer as necessidades humanísticas de um grande grupo de pessoas, saídas dos liceus ou dos Seminários e que não podem ou lhes não é fácil frequentar as Universidades do Estado.

Consultando as entrevistas que já publicamos:

— Já foi lembrado que a densidade paroquial do Norte, melhor, da Arquidiocese de Braga, pouco menos é do que um terço da de todo o país. Ora, este facto, só por si, vale como imperativo categórico para a criação dos estudos superiores nesta região. Mas há mais: a história interpretativa ou sociológica de Portugal aponta, precisamente, a região de Entre-Douro-e-Minho como núcleo de formação do Estado-Nação, e foco de conservação das suas características etnológicas mais lídimas e diferenciadoras. Portanto há que assegurar-lhe um meio de, a um tempo, firmar as suas tradições, e apurá-las a bem de toda a Nação de Aquém e Além-Mar na esfera superior dos valores culturais e espirituais. Esse meio, como é óbvio, será a Universidade Católica.

— Ela teria, parece-nos, uma função específica...

— Sim. Esta instituição, em Braga, serviria ainda, para preparar o professorado dos Seminários e completar a formação de algum clero regular missionário que pretendesse constituir elite nas milícias do apostolado. O próprio ensino médio, particular e oficial, poderia aproveitar os serviços da universidade católica...

— Nacionalizando mesmo o ensino, passe o termo...

— Quantas pessoas efectivamente vão para universidades estrangeiras por lhes não ser fácil entrar nas do Estado, sem exame de Aptidão, podendo evitar esse, de certo modo, exílio intelectual.

— A Universidade Católica seria uma instituição de ingresso mais fácil?

— Por que não? O ingresso é uma coisa, e a formação, lá dentro, para a obtenção dos graus, é outra. Toda a gente sabe que a dificuldade de entradas nas Universidades do Estado não representa inferiorização daqueles que preferem um grau universitário numa universidade além fronteiras em vez de fazer o chamado exame de aptidão. São dois meios de admissão e ninguém dirá que o primeiro é menos nobre.

— Quer dizer: a Universidade Católica impõe-se por todas as razões...

— Enfim, por qualquer lado que se veja, a Universidade Católica em Braga impõe-se e urge, do ponto de vista da conveniência, para não dizer, da necessidade e da justiça.

II

Viabilidade da Universidade Católica em Braga

Quanto a viabilidade? — Insistimos ao continuar a conversa interrompida:

— Há uma ideia que pode representar o único óbice sério contra a criação da universidade católica de Braga. A de que, se tal instituição se impõe, não é em Braga, mas sim na capital, em Lisboa. E dizer-se que uma não tira a outra, não será resposta solucionadora porque num pequeno país metropolitano, como Portugal, duas universidades católicas, pelo menos para já, seriam, de facto, demais.

— Mas a Universidade Católica em Lisboa, não resolveria o problema?

— Não! Uma Universidade Católica em Lisboa, não resolveria os problemas

esquecer ou menosprezar este imperativo sociológico, cultural e nacional só para valorizar mais ainda e macrocefalizar a Capital. Portugal não é só Lisboa. Os problemas portugueses nem sempre se podem resolver «em» e «de» Lisboa. Isto é, até, contra-producto.

— Pode concretizar?

— Certamente. Onde a demografia afirma a maior densidade paroquial e de massa católica e de tradições nacionais, é que deve criar-se a primeira Universidade Católica. É aqui, também, que ela, em princípio, é mais viável porque será mais sentida, mais vivida e mais querida.

— Como chegar ao ambicionado «desideratum»?

— Se a Hierarquia Católica e o Governo, à uma, acharem bem a sua criação em Braga, a Igreja, ou mais precisamente, a Santa Sé, dará logo a sua anuência. E, entre as dioceses portuguesas, a que se acha em melhores condições de sustentar a universidade católica, não será atrevido dizer que é Braga. Quer sob o ponto de vista económico, quer sob o ponto de vista discente. Falo da Diocese ou Arquidiocese Primaz e com maioria da razão, poderia referir-me à Metrópole com as suas Sufragâneas.

Eu sei que hoje os laços da Metrópole com as Sufragâneas são quase de mera veneração e de carácter histórico. Mas os vínculos afectivos continuam a dar existência real à Metrópole bracarense, que se estende a mais de um terço de Portugal. Os Bispos sufragâneos de certo auxiliando o seu Metropolita — pelo menos nenhum dificultará a criação da Universidade Católica em Braga.

— Há precedentes a favorecer a viabilidade...

— A denotar o quanto é viável a Universidade em Braga, está o facto de aqui já existir a tão prestigiosa Faculdade Pontifícia de Filosofia da Companhia de Jesus. Só é preciso que ela se abra a todos, não pela via excepcional, mas por uma lata faculdade dos seus estatutos reformados. O plano de estudos filosófico-sociais é já o melhor; o quadro professoral é já magnífico; a revista da Faculdade é uma das mais consideradas no Velho e Novo Mundo; e a Biblioteca é tão rica em bibliografia moderna e em revistas especializadas que qualquer Universidade se orgulharia dela. Note-se que uma biblioteca universitária não se faz de um momento para o outro, leva anos a formar, e, em Braga, já a temos.

— E a Faculdade de Teologia?

— Uma Universidade Católica ao que penso, não se faz criando Faculdades no plural. Se assim fosse, bastava elevar à categoria de Faculdade o actual Seminário Conciliar, ampliando-lhe os estudos e concedendo-lhe o direito de conferir graus. Não seria coisa difícil, pois professores, livros e instalações não faltariam (pode dizer-se que o Seminário, quase por si só tudo forneceria). Mas uma Universidade é coisa mais completa.

— Como assim? Não basta um conjunto de Faculdades ou Colégios?

— Uma Universidade é uma corporação. Deve possuir uma alma, logo deve emanar de um plano único, de uma Reitoria visível, embora se devam encerrar os vários sistemas possíveis: uns mais outros menos centralizados. A direcção superior da Universidade pertenceria, claro está, ao Prelado. Nas Faculdades poderia haver a proeminência de uma ordem, como seria o caso da Faculdade Pontifícia de Filosofia ou a combinação docente do Clero diocesano e do Clero regular, como talvez pudesse ser para a Faculdade de Teologia. Mas, em qualquer caso, deveria, quero crer, ter-se em

conta a tendência moderna da Igreja para chamar ao seu serviço os leigos, embora, evidentemente, vinculados às directrizes da Universidade. Por exemplo, se houvesse um curso superior de Artes (ou Letras), independente, como Faculdade ou anexo a outra, na sub-secção de Ciências Históricas, a Arqueologia teria o seu laboratório de aulas práticas em Guimarães. Já se tem dito que a Sociedade Martins Sarmento é um Instituto Nacional de Arqueologia e o seu director bem poderia ser o encarregado da respectiva cadeia.

— Isso é muito interessante. Ainda não tínhamos ouvido falar nesse aspecto...

— Não se julgue ser excessivo pensar-se na criação de vários cursos a integrar a Universidade. Um bom professor que tenha um bom aluno quase justifica a existência de um curso. Não são grandes comunidades que celebrizam as instituições. São os fins que prosseguem e a qualidade dos meios para atingir esses fins.

— Enfim, em Braga há material humano, polícromo e idóneo, para uma Universidade.

Já se ventilou o problema de instalações. Mas não é demais insistir...

— Quanto às instalações, as da Faculdade de Filosofia têm de ser outras. Uma tão admirável Faculdade não pode continuar numa casa inadequada como a da rua de S. Barnabé. As aulas são boas, mas o edifício e o local são absolutamente impróprios. A vergonha é para a cidade e para o País, se a Faculdade não tiver, dentro em breve, instalações à altura. Lembro as do Pópulo, com felicidade alvitradas pelo Presidente da Câmara.

— É preciso não desperdiçar a oportunidade que se avizinha...

— Sem dúvida nenhuma. No edifício do Pópulo deveria funcionar desde já, os serviços centrais da Reitoria geral e pelo menos a Faculdade de Filosofia e o Curso Independente ou anexo, de Artes. Não sei se mais tarde conviria instalar lá também a Faculdade de Teologia. Esta, entretanto, tem boa construção no actual Seminário Conciliar.

Outras notas

— Outros problemas de interesse?

— Será de justiça lembrar que a ideia da Universidade Católica de Braga é, não só uma aspiração que flui na corrente das tradições vivas da terra, mas também tema central de um livro de quase duzentas e cinquenta páginas, de um moderno escritor, o Dr. Fernando de Aguiar. Um dos votos do I Congresso de Estudos Martinianos, subscrito por este ilustre polígrafo, foi, precisamente, a fundação da Universidade Católica em Braga «dando-se ao seu Reitor Magnífico o Bispado titular de que Martinho foi primeiro». Nos votos finais do mesmo Congresso, essa ideia de uma Universidade Católica ficou latente quando se pedia para um centro de coordenação de Alta Cultura bracarense, a gloriosa égide de S. Martinho de Braga.

— Crê, portanto, na fundação da Universidade Católica de Braga?

— Creio. O contrário constituiria uma injustiça de pensamento. Na mão da Hierarquia está, sobretudo, o nascer ou o não nascer a nossa Universidade. O dinamismo já consagrado de António Santos da Cunha tem feito milagres. A Arquidiocese abraçará com entusiasmo a cruzada pela Universidade. A Santa Sé, bem informada, dará o seu beneplácito e o Governo a sua indispensável força, para a maior glória de Deus e da Nação Portuguesa.